

ABRALIN

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE LINGÜÍSTICA

DIRETORIA - GESTÃO 81-83

Presidente: Francisco Gomes de Matos (UFPE)
Secretário : Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)
Tesoureira: Adair Pimentel Palácio (UFPE)

MEMBROS DO CONSELHO

- Mário Perini (UFMG)
- Yonne Leite (Museu Nacional)
- Paulino Vandresen (UFSC)
- Francisco das Chagas Pereira (UFRGN)
- Leila Bárbara (PUC - SP)
- Carlos Franchi (UNICAMP)

Os índios Krenak, que habitam a margem esquerda do Rio Doce, no município de Resplendor, distrito de Independência, MG, são classificados no tronco lingüístico Macro-Jê (1).

Este trabalho pretende fornecer alguns dados e hipóteses referentes à relação entre a memória lingüística de um povo e sua integridade física e cultural. Mais adiante, pretendo mostrar de que modo a história do contato da comunidade Krenak com a sociedade brasileira está relacionada ao "suicídio" e a "recuperação" da memória étnica e lingüística desta comunidade indígena. Pretendo chamar atenção para a relação histórica que se estabeleceu entre a perda do território, aí entendido não apenas no sentido geográfico, mas também no sentido social, e as restrições ao uso de sua língua original, dentro da comunidade. Posteriormente, tento mostrar a relação entre a reconquista deste espaço geográfico e social e a crescente recuperação de seus valores culturais mais expressivos, dentre os quais destaca-se a língua. Antes de focar a situação lingüística Krenak, pretendo fazer uma breve exposição da história do contato recente deste grupo, o que, acredito, poderá lançar luzes para uma melhor compreensão da relação entre os Krenak e a sua própria língua, nos dias de hoje.

Vários relatos de viajantes que percorreram os vales dos rios Jequitinhonha, Mucuri e Doce, no século XIX, registram a presença de índios nesta região, denominando-os Botocudos. Este nome, com conotação pejorativa, foi dado aos índios devido ao uso de botoques. Na realidade, não eram um único

grupo, e sim pequenas comunidades que perambulavam nesses vales, se auto-denominando de diversas maneiras⁽²⁾.

Alguns desses relatos apresentavam vocabulários, na tentativa de registrar os hábitos lingüísticos dessas comunidades. Tais listas de palavras, feitas em ocasiões diversas, por pesquisadores diferentes, apresentam distinções notacionais que não impedem a constatação, do ponto de vista comparativo, da existência de vários dialetos, para as várias comunidades Botocudo⁽³⁾.

Consta que esses índios eram exímios guerreiros e resistiam ao contato com os brancos. Foram provavelmente os únicos indígenas brasileiros que sofreram uma guerra oficial, declarada pelo Estado (Carta Régia de D. João VI, em 1808). Diante dessas investidas, várias tribos foram dizimadas e os poucos índios que restavam eram aldeados ou escravizados.

Segundo relatórios do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), um grupo de botocudos do Rio Doce, chefiados por um capitão de nome Krenak, que, mais tarde, emprestaria seu nome ao grupo, resistia ao contato.

Em 1920, foi estabelecido o Posto Indígena Guido Marlière, nas margens do Rio Doce e na foz do Ribeirão do Eme. A aldeia se localizava nas cabeceiras deste ribeirão, e, esporadicamente, os índios mantinham contato com o posto indígena.

No mesmo ano, o Governo do Estado de Minas Gerais cede aos Krenak quatro mil hectares de terra, para assegurar-lhes a sobrevivência. Tal cessão teria vigência enquanto houvesse índios na região⁽⁴⁾.

Com o aumento das frentes de penetração e a valorização das terras devido à construção da Estrada de Ferro Vitória Minas, em 1923 os Krenak sofreram um ataque onde vários índios morreram. Os que escaparam, aldearam-se en-

tão na sede do posto indígena, nas margens do Rio Doce.

Estando aldeados, cada vez mais os Krenak se viam acucados em sua própria terra, e, praticamente sem assistência do órgão oficial de proteção aos índios, passaram a trabalhar para os invasores de seu território.

Em 1958, o SPI transferiu para o Posto Indígena Maxacali, no Nordeste de Minas Gerais, forçando-os a conviver com uma outra nação indígena, de língua e cultura diferentes. Vale acrescentar que a convivência com os índios Maxacali, desde o início mostrou-se difícil, o que obrigou os Krenak a retornarem a pé para suas terras. Após o retorno, encontraram a região invadida. A maioria se instalou nas ilhas do Rio Doce, enquanto outros partiram para os postos indígenas de São Paulo, com receio de serem vítimas de emboscada.⁽⁵⁾

Até 1969, eles se viram abandonados pelo órgão tutelar, convivendo com a usurpação de suas terras. Nesse ano, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) solicita a abertura de um processo de reintegração de posse da terra, e, junto com a Polícia Militar de Minas Gerais, implanta, na região dos Krenak, um "Centro de Reeducação Indígena", que, na realidade, consistia numa colônia penal, para onde eram levados índios de várias regiões brasileiras, considerados delinquentes.

Nesta situação, os Krenak eram obrigados a conviver com índios de grupos diferentes, e, conseqüentemente, de línguas e culturas distintas.

Em 1972, é dada a liminar de reintegração de posse aos Krenak, assegurando-lhes o direito à terra. Entretanto, a Fundação Nacional do Índio transfere-os, juntamente com a Colônia Penal, para a Fazenda Guarani, no Município de Carmésia, no Norte do Estado⁽⁶⁾. Tal transferência contou, inclusive, com o uso de violência física. Consta, em relatórios da FUNAI, que, desde o primeiro momento em que lá chegaram, pensavam em retornar às suas

terras.

Conheci os Krenak ainda naquela fazenda, no sétimo ano de exílio. Todos estavam insatisfeitos com a permanência naquele local. Lembravam-se sempre de sua terra, e prometiam regressar em breve.

A vida comunitária sofreu profundas alterações. Vários índios partiram para São Paulo, na expectativa de encontrar melhores condições de vida. A improdutividade da terra implicava na saída dos homens para as cidades, em busca de emprego, o que contribuía para a desestruturação do grupo.

Nos primeiros contatos que mantive com a comunidade, era informada sistematicamente pelos índios de que não se lembravam mais da língua Krenak. Um fato, entretanto, obrigou-me a relativizar essas informações sobre a memória lingüística: Uma ocasião, de passagem por Belo Horizonte, em direção a Brasília, onde iriam tentar receber apoio da FUNAI para a recuperação de suas terras, alguns Krenak pernôitaram em minha casa. À noite, sozinhos num quarto, passaram a usar apenas a sua língua materna. Esta foi a primeira situação em que pude constatar a existência de uma língua, que, segundo os próprios Krenak, não existia mais. No dia seguinte, li um dos vocabulários botocudos para este grupo Krenak. Houve uma grande satisfação ao saberem que aquele livro falava sobre a língua deles. E identificando os itens lexicais, comecei a me perguntar as razões que os levavam a negar que falavam a língua materna.

Em maio de 1980, os índios Krenak recuperaram a sua terra no Rio Doce, embora não contassem com o apoio do órgão tutelar para isso. Esta verdadeira reconquista acabou por gerar um novo ânimo na comunidade, e uma nova atitude em relação a sua língua e ao universo cultural. Neste sentido, pude observar uma série de indícios de reafirmação da identidade étnica do grupo.

A volta à terra natal propiciou também um aumento da população na aldeia, motivado não somente pelo retorno de índios dispersos, mas também pelo aumento do índice de natalidade.

Tais fatos contribuíram para o que poderíamos chamar de retomada do uso da língua. A reunião num mesmo território de índios dispersos propiciou a intensificação de seu uso. As crianças puderam ser expostas de um modo mais intenso à fala de seus pais.

Antes de observarmos aspectos relativos ao uso do português e da língua nativa nesta sociedade, gostaria de tecer ainda mais um comentário sobre a população que me parece pertinente na consideração dos problemas de bilingüismo.

Os massacres e as transferências tiveram historicamente como consequência não só a diminuição da população, como também uma grande dispersão. Há índios Krenak espalhados em outros estados do Brasil, como São Paulo, Mato Grosso, e ainda em cidades vizinhas as suas terras.

Tais fatos levaram a comunidade a integrar, através de casamento, indivíduos de origem não Krenak em seu quadro populacional. Assim, existem famílias onde um dos membros do casal não é falante Krenak. Mesmo nestas situações, entretanto, observamos um caso bastante significativo: há casos de cônjuges estrangeiros adotarem o Krenak como segunda língua, ou pelo menos, compreenderem o que é falado neste idioma.

Passemos agora para uma breve exposição de aspectos do bilingüismo Krenak. Não há mais na aldeia do Rio Doce nenhum caso de monolingüismo. De um modo geral, podemos perceber o uso mais freqüente do Krenak por parte das mulheres. Tal fato pode ser explicado a partir da própria organização social do grupo. Os homens mantêm laços mais estreitos com elementos da sociedade envolvente, enquanto as mulheres permanecem a maior parte do tempo na aldeia. Além disso, seria interessante considerar algumas situações em que o uso da língua

vente, enquanto as mulheres permanecem a maior parte do tempo na aldeia. Além disso, seria interessante considerar algumas situações em que o uso da língua Krenak é mais frequente que o português. A língua nativa é usada quando os Krenak relembram sua própria história, quando discorrem sobre a natureza, sobre a região, sobre os animais, quando as mulheres se encontram à beira do rio para lavar roupa ou tomar banho, e quando, de modo geral, repreendem as crianças.

Obviamente, essas não são as únicas situações onde o Krenak é usado, mas ilustram razoavelmente bem a importância que esta língua vem retomando na vida cotidiana.

Neste ponto, gostaria de chamar a atenção para um fato significativo. Durante os contatos que mantive com os Krenak, quando ainda moravam na Fazenda Guarani, observei apenas muito raramente o uso do Krenak em situações cotidianas, o que indica um panorama lingüístico bastante diferente do atual.

Concluindo, espero que este trabalho tenha mostrado, ainda que de modo rápido e superficial, que a língua e etnia deste povo são questões intimamente relacionadas. E, finalmente, gostaria de chamar a atenção para o fato de que a atitude de manter viva a língua e a cultura, diante de tantas ameaças e perseguições, é resistir enquanto minoria étnica, a uma sociedade como a nossa que pouco respeita a pluralidade cultural do País.

(*) Quero registrar a minha gratidão aos índios Krenak, pelo muito que me ensinaram ao longo destes últimos quatro anos, e ainda aos membros do Grupo de Estudos da Questão Indígena (GREQUI), meus colegas no trabalho indigenista. Aproveito também para agradecer às críticas e sugestões recebidas duran-

te o Simpósio.

NOTAS:

- (1) Cf. Rodrigues, Aron Dall'Igna. "Línguas Ameríndias". Grande Enciclopédia Delta Larousse, IX, s.d.
- (2) Cf. Marcato, Sonia de Almeida. "A repressão contra os índios botocudos". Boletim do Museu do Índio, MINTER/FUNAI, 1979.
- (3) Cf. Emmerich, Charlotte & Ruth Monserrat. "Sobre os Aimorês, Krens e Botocudos. Notas lingüísticas". Boletim do Museu do Índio, MINTER/FUNAI, 1975.
- (4) Cf. Decreto Estadual nº 5.462, de 10 de dezembro de 1920. Publicado no jornal Leis Mineiras, em 11 de dezembro de 1920. Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte.
- (5) Depoimentos coletados in loco, em 29 de maio de 1982.
- (6) A Fazenda Guarani, propriedade do Governo do Estado de Minas Gerais, foi doada à FUNAI, em 29/01/74 - Cf. Registro no Cartório Rodrigues da Cunha, 99 Ofício de Notas, Livro 213, folha 86v.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, S.F. "Os Índios Crenakes (Botocudos do Rio Doce) em 1926". Revista do Museu Paulista, XVI, São Paulo, 1929.
- AMARAL, C.M. "Vocabulário Português-Botocudo". Museu Paulista, Documentação Lingüística. São Paulo, 1948.
- Carta Régia de 13 de maio de 1808. Revista do Arquivo Público Mineiro, IV. Ouro Preto, 1899.
- EMMERICH, C. & Ruth Monserrat. "Sobre os Aimorês, Krens e Botocudos. Notas Lingüísticas". Boletim do Museu do Índio. MINTER/FUNAI, 1975.

- MARCATO, S.A. "A repressão contra os Botocudos em Minas Gerais". Boletim do Museu do Índio, MINTER/FUNAI, 1979.
- MARLIÈRE, G.T. "Vocabulário da língua Botocudo - tribos chamadas de Krakmum, Pejaurum e Naknenuk das Vertentes do Rio Doce e Jequitinhonha, Abelha do Itaculomi, Ouro Preto, 1925.
- _____ "Vocabulário Português-Botocudo". Manuscrito inédito, Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1935.
- NIMUENDAJU, Curt. Ueber die Botocudos. Manuscrito inédito, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1939.
- OTTONI, T.B. "Notícia sobre os selvagens do Mucury". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 21, 1858.
- PALAZZOLO, J. (OFM) Nas selvas dos vales do Mucuri e do Rio Doce. Petrópolis, Vozes, 1945.
- RODRIGUES, A.D. "Línguas Ameríndias". Grande Enciclopédia Delta Larousse, IX s.d.
- SAINT-HILAIRE, A. Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais. São Paulo, Nacional, 1938, II.